

RESENHA de O Referencial Teórico de Michel Maffesoli. In: GUIMARÃES, Aurea Maria. A Dinâmica da Violência Escolar: Conflito e Ambiguidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

Neste texto o objetivo é mostrar as diferentes formas de violência e como elas se prefiguram numa constante. Inicialmente, a autora afirma que para Maffesoli a violência (ou força) é necessária à sociedade para que as pessoas se expressem, ajam e organizem-na. Essa potência (força) conduz ao pluralismo e a diversidade, afinal cada um lutando pelo que deseja abre um grande e criativo leque de possibilidades. Quando isto é uniformizado, o que é típico do poder instituído, nega-se o próprio poder social e perde-se a referência do poder político, ele então é exercido em função de quem?

Maffesoli apoia-se na idéia de que todo o poder (instituído) possui um ambivalente na potência (social). Quando a balança pende para um dos lados (poder: uns poucos dominam muitos; potência: a lei do mais forte) traz ao social uma tendência mortífera com muitos furores urbanos como assaltos, assassinatos, ditaduras. Sabendo-se que o ideal para a vida no social é a socialidade, temos que buscar a convivência amena, estreita, rica de múltiplas possibilidades, não é o “dever ser”, o “politicamente correto”, a relação fria, mas orienta-se para o coletivo vivido, para as experiências trocadas nas teias formadas por pequenos grupos, isto é a socialidade. “O seu domínio se exerce no insignificante, no banal, em tudo que escapa à finalidade macroscópica, voltando-se para a qualidade das relações que passam a ser mais in-tensivas” (p. 08).

A VIOLÊNCIA DOS PODERES INSTITUÍDOS

A burocracia planifica a heterogeneidade, controla racionalmente a vida social, centraliza tudo o que é da ordem do policial, do fiscal, do militar, domestica as paixões, planifica o acaso, interioriza a coerção e serve de base ao produtivismo e à ideologia do trabalho.

Quando a burocracia atinge seu ápice, quando satura-se o princípio da heterogeneidade, estamos diante do totalitarismo. “A vida passa a ser controlada nos mínimos gestos e o individualismo culmina no seu oposto, ou seja, numa vida completamente desapropriada” (p.10). O estado promete segurança diante de um

futuro incerto, mas para isso trata sua população como números. A individualidade é super valorizada esquecendo-se das micro relações sociais, aumentando assim, a violência generalizada. O indivíduo é estimulado ao controle de si próprio e dos mais íntimos. O trabalho é tido como fim em si mesmo, as emoções controladas. “Quanto maior for o alcance da uniformização, maior brilho terá a violência” (p.10).

No totalitarismo, com a perda da referência da força ou potência social solidificada ritualmente num líder (processo que une indivíduos para um fim comum), cria-se um abismo entre o poder e o social, com a violência implícita gera seu próprio vírus que irá derrubá-lo. “Explosões sociais, revoltas, o fim de uma dinastia, uma guerra ou uma catástrofe natural vêm sempre lembrar que o presente é imprevisível e que é inútil programá-lo” (p.11). Essa violência restaura a “comunhão societal” gerando novamente a socialidade.

A VIOLÊNCIA ANÔMICA

Essa forma de violência é fundadora, ela insurge num contexto de caos como uma nova ordem. Quando tudo o mais falha ela reestrutura uma sociedade sobre moldes alternativos. A violência é tida como um valor ambivalente: quando a negação é de algo que já não valha mais, algo morto, ela é positiva.

“O aspecto construtivo da violência possibilita compreender essa forma social como um auxiliar da ordem. Os revolucionários, os banidos, que terão o poder, o pensador maldito que se tornará referência obrigatória, o artista desacreditado que acabará impondo uma nova moda, todos estes exemplos mostram a existência de um duplo movimento, unindo anomia e ordem” (p.13).

Dessa forma, toda subversão seria uma forma de equilíbrio social, algo que desperta na ordem a consciência do caos. A violência não é descontrolada, mas entra num processo de “negociação”, adaptação.

Com o desenvolvimento da sociedade industrial valorizam-se os números e somos conduzidos a uma relação social ascética, punindo violentamente quem sai dos padrões. Assim, a violência deixa de fazer

parte do conjunto de condutas da vida, a agressividade necessária para alcançar um objetivo, e somente é encarada como punição.

“Essa violência, destacada de sua essência ritualística, transforma o que é luta de todos contra os outros, em luta de cada um contra todos. Neste processo de atomização a violência é interiorizada e o poder é exercido de modo a encontrar ressonância entre os dominados que, em troca de segurança e fé no progresso, deixam prevalecer o controle sobre suas vidas. Esse controle se ramifica pelo conjunto do corpo social, não suportando o plural naquilo que ele tem de excessivo e até cruel. Ocorre um processo de nivelamento que destrói exatamente o que permite a coesão social” (p.15).

Sem as diferenças entre indivíduos não há crescimento, o choque dessas diferenças é violento, mas necessário. A ritualização da violência faz-se presente no uso das armas, nos direitos humanos, nos duelos, nos esportes, assim como outros micro rituais diários. Com eles o tempo pulsa e na repetição tomamos consciência desse ritual abstrato infinito, incansável. Com o ritual percebemos o tempo e sua consequência, a morte. Ritualizando a violência, afrontamos a morte e percebemo-nos vivos pelo distanciamento que alcançamos.

A ritualização da violência integra pessoas, através da coisa morta repetitiva surge o novo, o inesperado o vivo. Ao contrário, se a violência é negada ou reprimida explode na crueldade de indivíduos atomizados pela sociedade industrial.

A VIOLÊNCIA BANAL

“A banalidade é tudo que está fora do alcance de todo o poder exterior, mas que alicerça o prazer de estar junto” (p.16). É o processo que importa, não o produto. A submissão ou a alienação nunca é absoluta, pode ser uma forma de dizer: “Ah, eu não conhecia essa regra”, e novamente subverter.

Sem atacar de frente os valores estabelecidos, mas de maneira estratégica e astuciosa, muitas vezes com duplos pontos de vista, se ganha distância, de forma a enxergar o conjunto da coisa. Forma-se uma

“‘dissidência interior’ por meio de uma arte de fachada, da ironia do cômico” (p.17). Um lado sério e outro despojado, à essa forma disfarçada, Maffesoli chama de teatralização da vida cotidiana. Quando o teatro entra não para subverter ou para fingir o acordo, ao contrário, pois é a ação espontânea, não a representação, a forma do querer viver irrimediável.

A máscara, a polidez, o costume são utilizados para entrar na sociedade e são retirados nas festas, nas reuniões, nas revoltas, é por isso que atormentam moralmente tanto o corpo social. Não importa nem o conteúdo, mas o fato de simplesmente se encontrarem.

A moral reforça os últimos valores criados recentemente como universais, sobre a lógica do “dever-ser”; já a ética só valoriza o que é concernente ao homem, sobre a lógica do “querer-viver” ou, socialmente, do “ser-estar-junto”.

Tudo o que toca o pessoal, a “estética existencial”, o aprender a viver concerne à ética, engloba a moral e o poder político, centralizador. “As zombarias, o riso e a ironia destacam que é possível reapropriar-se da existência e relativamente dela usufruir contra ou à margem daqueles que são responsáveis por regular a vida pessoal”. Os grafites e as pichações, por exemplo, não comunicam uma mensagem clara, são aparentemente inúteis, banais, mas assim como a poesia, desconstruem a linguagem e o poder da ordem e do saber nela contido.

O que une as rebeliões anônimas, ocorridas cotidianamente, é o pessoal, um “ethos que permite a partilha do sentimento”. Pois se não for partilhado caímos na atomização e a violência deixa de ser ritualizada em conjunto com o outro e passa a ser exercida no outro, já que estamos solitários.

“Na medida em que as contradições e os antagonismos não são mais vividos coletivamente, as opressões do social são enfrentados na solidão. O resultado é essa multidão solitária, vivendo sua solidão gregária na indiferenciação absoluta e com a exacerbação da agressividade sanguínea cotidiana que prevalece no mundo contemporâneo” (p.20).

Marcus Villa Góis

Prof. Artes Cênicas e Dança - UEMS